

resenhas

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. *Temporalidades em Imagens da Imprensa: capas de revistas como signos de olhares contemporâneos.* Maringá: EDUEM, 2011, 273p.

Jorge Luiz Romanello

Graduado, mestre e doutor em história pela UNESP de Assis. Estuda imagens e possui experiência em fotografia – foi fotógrafo do CEDAP (Centro de Documentação e Recursos Audiovisuais), UNESP/Assis até 1995. Trabalha como professor e pesquisador na UNICENTRO/Universidade Estadual do Centro Oeste – Campus de Irati.



Recebido em: 25/03/2011

Aprovado em: 15/05/2011

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. *Temporalidades em Imagens da Imprensa: capas de revistas como signos de olhares contemporâneos.* Maringá: EDUEM, 2011, 273p.

O livro *Temporalidades em Imagens da Imprensa: capas de revistas como signos de olhares contemporâneos*, de Ana Cristina Teodoro da Silva, é um produtivo esforço de ampliação das potencialidades das pesquisas no campo da história.

Dividido em 4 capítulos, é uma obra construída a partir do necessário diálogo inter e multidisciplinar com áreas como o jornalismo, a propaganda e os estudos da linguagem, elaborada por meio de uma análise interativa, uma leitura semiótica nada canônica (e talvez por isto mesmo criativa) das fontes: 276 capas circuladas das revistas *Manchete* e *Veja* dos anos de 1968 e 1969 *Veja* e *Isto é Senhor* do ano de 1989.

A partir deste bem pensado corte cronológico, a autora convida o leitor a uma viagem ao mundo cotidiano das revistas. Foi uma interessante opção pela análise de momentos emblemáticos da vida cultural e política do mundo e do Brasil, 1968/69, marcam o endurecimento da censura e da repressão política no país, o apelo à ordem e às tradições conservadoras, mas também de profundas mudanças culturais, mostrando que nas capas das revistas, conviviam em um mesmo contexto, alusões às restrições políticas e institucionais que o país vivia ao lado de promessas de novas conquistas tecnológicas e culturais, representadas *tout court* pelo pouso do homem na lua e pela difusão da pílula anticoncepcional.

No contraponto, no decorrer do ano de 1989 também de forma emblemática, as

capas marcavam as críticas ao governo de José Sarney e a primeira campanha para eleições diretas para presidente da república em que se confrontaram as proposta do “jovem e audacioso” Fernando Collor de Mello e as do “pouco midiático” sindicalista, Luís Inácio Lula da Silva – símbolos explícitos por si só do retorno da democracia ao país – , a queda do muro de Berlim com a conseqüente re-configuração política e econômica do mundo, momento também das crises que atingiam o capitalismo mundial e particularmente no Brasil, que sofria com a recessão e a hiper-inflação no decorrer da década.

Um interessante recorte na história recente do país que muito tem a dizer, por meio das análises realizadas, a respeito das mudanças e permanências dos modelos editoriais e dos códigos de comunicação, dos temas privilegiados pelas capas. Os resultados entre outras coisas permitiram a autora entrever a percepções dos leitores, do “público médio” das revistas, quanto á democracia e os estilos de vida almejados.

Entre as datas limites, um lapso de tempo sugestivo, vinte anos dos mais decisivos na história do século XX em que o mundo, a vida e o cotidiano, tudo (ou quase tudo) mudou.

O recorte fica desta forma, coroadado pela opção metodológica pelo estudo comparado dos títulos de revistas escolhidos, em cada capítulo do livro. Esta escolha permite ainda, avaliar as tensões de interesses nas opções das grandes empresas de comunicação

proprietárias dos títulos analisados, nos dois momentos, ao passo que a desconstrução das práticas utilizadas pela imprensa, usada sob medida, sem nunca perder de vista, o objeto da pesquisa, em nenhum momento permite que o trabalho se torne pretensioso, ou que se afaste em demasia do campo da história, para tornar-se um estudo estrito das técnicas de comunicação.

As temporalidades, para Ana Cristina, relacionam-se ao tempo de leitura constituído na relação entre o emissor e o receptor. Para ela as capas são produtos dirigidos aos olhares fugazes dos leitores, que por sua vez “reafirmam e reinventam o ritmo do tempo de comunicação dos veículos”, mas também tempo da síntese da semana que ao ordenar os variados acontecimentos do período que a revista pretendeu tratar, exigem uma economia de tempo.

Nesta concepção, as capas tornam-se Imagens Sintéticas, “... imagens de aparência, de como muito se comunica rapidamente, aproveitando uma tradição de entendimento através de códigos altamente inteligíveis.” (p.14). O uso desse conceito inédito, formulado pela autora, demonstrou-se fundamental no decorrer do livro para o entendimento de sua tese a respeito das temporalidades em imagens da imprensa, uma vez que a mesma trata da disposição de tempo utilizada e reiterada por imagens sintéticas, que demarcam o tempo de sínteses, tempo em fragmentos, fragmentos sedutores em olhares fugazes (pg 15), que por sua vez contém em si, um outro tempo, o da memória que cada exemplar de cada veículo diferente pretendeu legar ao futuro, por meio de cada corte do presente.

Considera-se também muito importante, a opção por uma narrativa moderna e dinâmica, que ao final produz um texto que se comunica com o leitor, discute o tema e

é ao mesmo tempo decisiva para superar as limitações causadas pela ausência na obra de reproduções das capas analisadas.

Em termos teóricos a concepção do livro desafia as definições compartimentadas, melhor seria considerar que se trata de uma obra mais dialoga com diversas vertentes do que se situa claramente em uma delas.

Fruto de uma longa experiência da autora no ensino e na pesquisa da área de Comunicação e Mídias e Metodologia da Pesquisa.

No decorrer da leitura percebe-se, por exemplo, uma série de alusões à problemáticas e mesmo diálogos mais explícitos com a história cultural, linha com a qual a autora trava um diálogo a respeito da polissemia das fontes imagéticas com seus discursos escorregadios sugerem.

Em relação à área de estudos de história e gênero, percebe-se que o trabalho sugere novas possibilidades, pois entre outros aspectos relevantes, revela as singulares apropriações das imagens do corpo e os papéis da família e suas implicações dentro do próprio sistema de comunicação. Com a nova história política, o debate supera as implicações dos “contextos” propiciados pelo recorte temporal, uma vez que o recurso a história comparada, oferece subsídios para a reflexão das relações entre mídia e política e mesmo a respeito do perfil de comportamento do público leitor.

Em resumo, parafraseando as palavras de José D’Assunção Barros em seu livro “O Campo da História – especialidades e abordagens” (Petrópolis: Vozes, 2004), para quem os bons trabalhos são difíceis de enquadrar. Nesse sentido, o mais elegante seria “sinteticamente” dizer que trata-se de uma obra de história em seu sentido amplo, que dialoga livremente com aspectos de diversas vertentes dos estudos históricos,

de maneira flexível e dinâmica, sem perder de vista em nenhum momento o objeto da pesquisa.

Já na introdução do trabalho, o leitor é surpreendido, tocado por algumas definições. Os títulos dos periódicos são identificados com marcas cuidadosamente trabalhadas, quase logotipos de propagandas e as capas, de produtos aparentemente simples direcionados a informar os leitores a respeito dos acontecimentos da semana, tornam-se o resultado de um intrincado jogo de rearranjo do tempo em seus múltiplos significados.

No primeiro capítulo "As Propostas das Revistas de "Sucesso", a autora recupera importantes aspectos da história da imprensa brasileira e de seus modelos de funcionamento, no período compreendido entre a década de 1960 e a de 1990, focando com particular ênfase nos aspectos constitutivos das revistas estudadas.

Ao mesmo tempo, chama à cena alguns lances decisivos da trama política e cultural do Brasil no período de 1968/69, destacando por meio desta abordagem, a conformação das relações entre a mídia, a censura e a ditadura militar, e com o mercado, circulação, o público alvo e implicações destas com os próprios modelos e padrões da mídia. Dialogando com diversas teorias de estudo da mídia, tratará particularmente da constituição das capas, operação funda os alicerces da construção do seu objeto de pesquisa.

O Capítulo II, As Formas dos Temas, enfoca os temas escolhidos para serem as capas das revistas. A idéia central do capítulo é rearticular as capas a partir da elaboração de séries, pois considera que por meio deste procedimento pode-se "... deslocar o ritmo das capas de revistas, revisitá-las, colocando-as em outras tramas, buscando assim mostrar que são imagens densas de significados, porém produzidas na prisão do ritmo veloz",

diferente da finalidade para as quais as capas forma concebidas.

Inicialmente dá-se atenção às "Repetições Ordenadoras", movimento que permite perceber por intermédio da sistematização de dados, o quanto a novidade possui pouco espaço nas publicações, e que por meio da repetição de temas como: "O modelo de vida de pessoas famosas e líderes governamentais" criam eixos possíveis de compreensão do mundo.

Em "Diferenças e Aproximações nas Edições" a autora muda o procedimento metodológico e ao invés de trabalhar com os grandes agrupamentos que caracterizaram o sub-capítulo anterior, passa a análise comparativa das capas semana a semana.

O texto passa em seguida a análise de "O uso Codificado das Cores" elemento entendido enquanto fundamental para o processo de comunicação rápida das capas.

Por meio da desconstrução e da comparação, sistematização e análise do uso de cores suas associações culturais e integrada á outras linguagens a autora procura mostrar como este elemento é parte estruturante de um discurso de apelo aos olhos, mostrando entre outras coisas, que as cores fortes tendem enfatizar o incomum e a criar desassossego, sendo empregada para enfatizar certos temas, ao passo que cores suaves tendam a gerar o sossego e a enfatizar o cotidiano.

Um movimento, que sob este ponto de vista é parte do esforço da construção da verossímil e do fidedigno em um espaço ao mesmo tempo fluido, e permeado pelo uso simultâneo de várias linguagens em suas próprias palavras.

Intercalando a análise de casos com o debate teórico relativo à questão, emergem discursos sobre os temas, que em minha opinião, devido a sua sutileza certamente

passariam despercebidos à um grande número de pesquisadores, uma vez que como historiadores, apesar da mudanças vividas nas últimas décadas, ainda somos freqüentemente melhor aparelhados a análise de textos do que imagens, de conteúdos do que formas.

Ficam estabelecidas desta forma algumas das bases sobre as quais "... desenvolvem-se os temas que povoam o mundo contemporâneo, " ... signos de um ritmo contemporâneo" p.152 e 153.

O trabalho adentra assim ao capítulo III, "Olhares Fugazes a Corpos Enquadrados" que se inicia por uma discussão teórica a respeito da imagem e sua análise, passando ao estudo das relações das mesmas com as sociedades e as culturas no decorrer da história – relação que mais uma vez acaba por retornar a análise do objeto.

O texto passa então a rastrear as maneiras como os corpos entendidos enquanto complexas construções culturais, são representados nas capas das revistas, e de quem maneira "sintetizam" os padrões e modelos aceitos e valorizados. E como, uma vez publicados especificamente naqueles espaços fluidos, de forma repetida e massificada reforçam e recriam os valores da "civilização", ao mesmo tempo em que permitem perceber os processos de enquadramento e domesticação a que foram historicamente submetidos.

Freqüentemente estereotipados – e os números apontados impressionam, pois as representações de corpos aparecem em mais de 90% das capas analisadas – aparecem, tendencialmente reduzidos a umas poucas poses, tradicionalmente experimentadas e consagradas na elaboração dos processos de comunicação das revistas.

A perspectiva proposta, permite a seu tempo uma análise dos significados de

posturas corporais e gestos e ao mesmo tempo revelam as repetições dos temas nos blocos, o que permite às revistas "... vender entendimento, informação e tranqüilidade, com economia de espaço e tempo ..." (p.186), mas geram também a necessidade de excluir o que não se adéqua aos padrões de tempo e espaço desta comunicação rápida e fluida, que a própria capa ajuda a criar.

A autora não deixa, porém, de analisar a importância que tem neste quadro, as exceções que conforme suas palavras, "desacomodam e levam a reflexão e por isso mesmo são a excessão, considerando-se que algumas vezes causam reações negativas, indignadas e mesmo o debate entre leitores, que manifestam suas opiniões por meio das seções do tipo "Carta do Leitor", que desta maneira torna-se também uma espécie de termômetro por meio do qual o veículo pode perceber as opiniões de seus leitores.

Em um contexto de conclusão desta discussão a obra adentra a seu último capítulo "Tempo e Memória nas Sínteses", cujo o objetivo é discutir a elaboração das sínteses do tempo, geradas em diversos ciclos nas publicações.

Assim os ciclos menores, formados pelos temas que geram apelo nas revistas são identificados enquanto "pequenas novelas" que não necessariamente tem de ter um fim. Já ciclos anuais podem ser sintetizados nas edições de início e final de ano, ciclos maiores ficam a cargo das comemorações decanais e de comemorações dos jubileus de circulação das revistas ou ainda das edições comemorativas "de número 1.000 ou 2.000". O importante é notar que para a autora estes ciclos significam e resignificam disposições do tempo, baseadas na organização de sínteses, que precisam ser "desorganizadas para um exercício salutar da crítica".

O sub-capítulo "As Premissas da Síntese"

é um esforço de identificação das maneiras escolhidas para a elaboração dessas sínteses. Dispersos muitas vezes no cotidiano das edições, caracterizam-se como “Edições Especiais” ou “Extras”, podem refletir estratégias propícias para pontuar um momento ou um ciclo maior na vida do país.

Para Ana Cristina, no final da década de 1960, por exemplo, estas sínteses procuravam elaborar discursos sobre a “realidade” do país por meio de títulos objetivos, tais como “O Retrato do Brasil”, ou “O Progresso do Brasil”, que discursam apoiados em fotografias icônicas de Brasília ou do Cristo redentor, com frequência complementados por editoriais que colaboravam para a organização dos sentidos daquelas sínteses. No mesmo sentido no início da década de 1970 ou ao final dela publicavam-se compilações de fotos “significativas” que procuravam demarcar ciclos de décadas enfocando alguns temas consagrados e criando outros.

Os subseqüentes “A Memória de 1968 e 1969” e a “Memória de 1989”, tratam como indicam os o títulos, da memória escolhida (ou pretendida), pelos veículos.

O passado desta maneira foi sistematicamente rearranjado para reelaborar períodos que podia variar da síntese do ano anterior ou de um acontecimento “Histórico”, ou de um período de 10, 20, 30 ou 200 anos de história. Ou seja, era o presente elaborando a memória do passado.

Uma “Edição Histórica” da *Revista manchete* do ano de 1969 elegeu o pouso do homem na lua, como o maior feito humano até então e o tema ganharia o título de “O Homem Conquista do Espaço”. De outra forma a edição de número 1.000 da

revista, de Junho de 1971 elegia enquanto “síntese das sínteses”, a capa da edição comemorativa, intitulada “1.000” com poucas fotos de momentos que marcaram o período anterior: “Uma do Congresso em Brasília; uma de comemoração de gol da seleção brasileira, referência a conquista do tricampeonato mundial e um astronauta na lua.”

Já uma das sínteses do período da década de 1980, realizada na edição de número 2.000 de *Manchete*, publicada em 1990, elege a Perestroika e o sucesso do consumismo recentemente inaugurado na Rússia, a queda do muro de Berlin, ocorrida em 1989, por sua vez marcará a comemoração de 30 anos da *Veja*, circulada em 1998.

Nas considerações finais Ana Cristina retrata o caminho percorrido, fazendo de uma síntese que permite ao leitor recuperar as principais conclusões relativas à temporalidade das capas, mas também das relações entre a imprensa, o público e o mercado no lapso dos vinte anos que a obra a sua própria maneira discute. Mantendo a linha argumentativa, a autora baseada nas análises desenvolvidas, afirma que o objetivo das mídias muito mais do que vender produtos é vender sentidos. E que estes devem ser articulados com fragmentos de tempo, contemplando uma complexa rede de interesses governamentais e empresariais, em larga medida responsáveis pela sobrevivência das mesmas

Para finalizar, considero que é importante informar ao leitor, que para ser fiel ao estilo do livro, esta resenha coloca-se enquanto uma possibilidade de leitura da obra.